

FMI pode discutir acordo sem metas de inflação

RIO — O chefe da Divisão do Atlântico do Fundo Monetário Internacional, Thomas Reichmann, disse ontem que a intenção do governo brasileiro de fazer um acordo com a instituição sem estabelecer metas de inflação “é um tema que terá de ser discutido com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello”. Nos acordos com o FMI, os países credores firmam cartas de intenção em que prometem cumprir certas metas, entre elas a de obter taxas baixas de inflação. O Brasil já assinou várias cartas com a instituição e nunca cumpriu o prometido nelas.

Segundo Reichmann, que foi ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no final da tarde para conhecer o programa brasileiro de privatização, a ministra tem direito de falar sobre o acordo, mas ele não. Reichmann não quis dizer como o FMI veria uma inflação de 8% ao mês, pretendida pela equipe econômica para os próximos meses, mas indagou aos repórteres:

“Vocês estão contentes com isso?”

Reichmann afirmou que a missão do FMI, com seis integrantes, está no Rio de Janeiro colhendo dados sobre a economia brasileira. Ele adiantou que na próxima semana, depois de conversar com a ministra Zélia Cardoso de Mello (possivelmente na terça-feira) e de colhidos os principais dados, terá um quadro geral do País.

Reichmann esteve no BNDES por mais de duas horas, acompanhado do encarregado de negociações com o Brasil, José Fajgembaum, e dos técnicos Alain Ize e Jorge Guszman. Como o presidente do BNDES e da comissão diretora do Programa Nacional de Desestatização, Eduardo Modiano, se encontrava em São Paulo, foram recebidos pelo diretor da Área Financeira e Internacional do banco, Pedro Bodin, e pelo chefe de gabinete de privatização, Ricardo Figueiró. Segundo Bodin, Reichmann concordou em que os resultados do programa de privatização são de longo prazo, enquanto o FMI busca resultados de curto prazo.